Os pré-núcleos em leitura de notícias chilenas e espanholas - análise entonacional

José Ricardo Dordron de Pinho[1]

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma descrição entonacional da leitura de notícias em telejornais chilenos e espanhóis por parte de homens e de mulheres; para tanto, partimos da análise fonológica e da descrição fonética de 24 enunciados divididos em sintagmas entonacionais a partir das pausas que os limitam. Consideramos a duração e o comportamento da F0 das vogais presentes nos pré-núcleos de cada sintagma entonacional para a descrição fonética e, para a análise fonológica, atribuímos tons aos mesmos elementos. Os sintagmas entonacionais foram divididos em três grupos: finais, não finais ascendentes e não finais descendentes. Tal divisão se deve às diferenças observadas nos núcleos, o que justifica a referida divisão. Neste trabalho, no entanto, apresentamos os resultados relativos aos pré-núcleos dos três tipos de sintagmas entonacionais, em cuja caracterização independe a posição no enunciado, ou seja, nos pré-núcleos, não se observam diferenças quanto ao tipo de sintagma.

Palavras-chave: Entoação, prosódia, sintagmas entonacionais, leitura de notícias, espanhol do Chile e da Espanha.

Resumen: El objetivo de este trabajo es realizar una descripción entonacional de la lectura de noticias en noticieros chilenos y españoles por parte de hombres y de mujeres; para tanto, partimos del análisis fonológico y de la descripción fonética de 24 enunciados divididos en sintagmas entonacionales a partir de las pausas que los limitan. Consideramos la duración y el comportamiento de la F0 de las vocales presentes en los prenúcleos de cada sintagma entonacional para la descripción fonética y, para el análisis fonológico, atribuimos tonos a los mismos elementos. Los sintagmas entonacionales fueron divididos en tres grupos: finales, no finales ascendentes y no finales descendentes. Tal división se debe a las diferencias observadas en los núcleos, lo que justifica la referida división. En este trabajo, sin embargo, presentamos los resultados relativos a los prenúcleos de los tres tipos de sintagmas entonacionales, en cuya caracterización independe la posición en el enunciado, o sea, en los prenúcleos, no se observan diferencias en cuanto al tipo de sintagma.

Palabras clave: Entonación, prosodia, sintagmas entonacionales, lectura de noticias, español de Chile y de España.

Introdução

A entoação tem um papel de grande importância na comunicação. Neste trabalho, pretendemos analisar fonológica e descrever foneticamente a leitura de notícias em telejornais por apresentadores chilenos e espanhóis; em trabalhos prévios (Pinho, 2017 a, b, c), apresentamos os resultados relativos aos núcleos, divididos em três tipos de sintagmas entonacionais: finais, não finais descendentes e não finais ascendentes. Aqui, apresentamos os resultados relativos aos pré-núcleos. Como ponto

[1] Doutor. Colégio Pedro II, FEUC. Contato: ricardodordron@gmail.com

de partida, discutimos características do gênero telejornal e da linguagem telejornalística. Nas análises prévias dos três tipos de sintagmas entonacionais, observamos elementos que caracterizam cada um deles; no pré-núcleo, porém, não se observam distinções.

1. Os fonoestilos e a entoação no gênero telejornal

A entoação desempenha diversas funções na comunicação humana: ela possui um caráter claramente linguístico, além de poder indicar o grupo a que o falante pertence e o seu estado emocional. Uma de suas funções, de grande importância, é a de estabelecer diferenças entre os estilos de fala.

A fala, em geral, é natural e espontânea; no entanto, às vezes, perde tal espontaneidade, como quando se trata de uma série de atividades profissionais de comunicação. Já foi observado que o falante é capaz de ajustar a sua fala segundo a situação comunicativa; mais além, em certas profissões, o estilo de fala pode estar associado à profissão em si, marcando-a com um papel funcional e identificador/característico. Nesses casos, a linguagem oral passa a ser preparada, semiespontânea, construída com objetivos pré-definidos a partir da sua finalidade. Um fonoestilo pode ser considerado profissional a partir do momento em que os falantes adquirem experiência naquele estilo de fala por treino e, assim, por estarem familiarizados com tal tipo de exposição oral. A variação de acordo com o fonoestilo se dá a partir da situação comunicativa; essa vai gerar um comportamento fonoestilístico determinado para cada situação segundo as circunstâncias.

Delgado-Martins e Freitas (1991, 19) definem a fala profissional como aquela usada em situações profissionais formais, como a usada por professores, advogados, deputados e jornalistas televisivos. Em seguida, apresentam cinco características desse tipo da fala. Ela é preparada previamente, procura parecer “espontânea”, tende a ser neutra na transmissão da informação, é produzida em uma situação comunicativa não interativa e vai dirigida a uma grande audiência, que pode estar presente ou não.

O mencionado anteriormente é o caso da leitura em telejornais, em que os jornalistas leem a notícia pelo *teleprompter*, mas não o fazem continuamente, e sim olhando rapidamente o texto, com o fim de aproximar-se a uma fala espontânea. Já a fala espontânea de entrevistados em telejornais é considerada um fonoestilo não profissional por não haver especialização no assunto abordado e a sua produção ocorrer

no momento da verbalização. Essa é justamente uma das grandes diferenças entre leitura e fala espontânea: ao passo que a leitura se baseia em um suporte gráfico, a fala espontânea corresponde a uma elaboração textual concomitante à oralização. No entanto, a leitura de telejornais, apesar do suporte gráfico, busca assemelhar-se à fala espontânea, o que pode diminuir suas diferenças.

O próximo item, com o objetivo de caracterizar o fonoestilo com que trabalhamos, o telejornal, apresenta algumas considerações sobre o papel do jornalismo como um todo e especificamente na televisão, sobre o discurso da informação e sobre a linguagem jornalística. Mais adiante, apresentamos algumas considerações sobre a leitura de notícias em telejornais.

1.1. Os meios de comunicação e o jornalismo

Sem dúvida alguma, a informação é, hoje, um serviço necessário à vida. Os meios de comunicação são um veículo que trazem consigo essa informação, a mensagem, a comunicação necessária. Isso quer dizer que são uma ponte entre o emissor e o(s) receptor(es) de uma mensagem.

Para a difusão das mensagens que interessam a um grande público, o ideal é valer-se de meios conhecidos como *mass media*, que são o veículo que pode proporcionar a comunicação entre o emissor e um grande público. A televisão possui uma posição de destaque quando se fala de meios informativos de comunicação social e coletiva.

O objetivo do jornalismo é levar informação com precisão e rapidez, sem deixar de respeitar a verdade e a justiça. O jornalismo pode se realizar apenas por meio da palavra falada (o rádio), apenas pela palavra impressa (revistas) ou por uma combinação da palavra falada e da imagem (a televisão).

1.2. O jornalismo na televisão – os telejornais

As notícias começaram a ser transmitidas oralmente por meios de comunicação em 1920, pelo rádio. Em 1947, também pela televisão. O impacto emocional da informação televisiva sobre o público é muito forte, pois reproduz a emoção criada pelas imagens, o que confirma a supremacia da televisão.

Nos primeiros telejornais, as notícias eram simplesmente lidas diante da câmera, seguindo o modo como se fazia com a mensagem radiofônica, que os originou. Porém, logo se constatou que, nesse novo contexto, a mensagem radiofônica ganhava nova dimensão, pois se via a imagem do apresentador. Estando face a face com o apresentador, o espectador tendia a corporificar o jornalismo na expressão axiomática daquele. A partir daí, a aparência, a entoação e a expressão facial se tornam a moldura que vai determinar o entendimento dos fatos.

Os telejornais são a imagem de marca de um canal. O que o simboliza é o seu apresentador, que figura como se fosse o próprio telejornal. É de primeira importância a constituição do objeto como fato social e cultural.

A identificação do telejornal é a seguinte: um apresentador sentado à mesa, com um computador, apresenta a atualidade do dia com a ajuda de imagens fixas ou animadas, às vezes acompanhado de convidados. O telejornal é um gênero, com personagens específicas, uma organização e episódios determinados. A história começa com a fala do apresentador e continua, tipicamente, com reportagens e/ou entrevistas fora do estúdio (Amaral, Meinedo, Caseiro, Trancoso e Neto, 2005:126).

A reportagem é uma das personagens-chave da informação televisiva – o telespectador, com certeza, gostará de se sentir um cidadão do mundo. O papel do apresentador é recitar as notícias do telejornal: apresenta a primeira parte das informações, fazendo um monólogo entrecortado por imagens. Serve para fazer a junção entre as imagens, as testemunhas e os especialistas.

1.3. O discurso da informação

Como diz Lage (2008, 11), quem busca informações não está necessariamente interessado no meio pelo qual elas são veiculadas (jornais impressos, veículos radiofônicos, televisivos ou sítios da internet). A opção se daria por aquele com o qual o indivíduo se sentisse mais à vontade ou por aquele que estivesse mais à mão. Porém, qualquer que seja a mídia escolhida, é preciso que a informação seja apresentada de maneira inteligível. Sempre são várias as peças que compõem o todo: no caso dos telejornais, contam o cenário, os trajes, as personagens e o ambiente.

A informação, que justifica o telejornal, é o seu pretexto. A sua primeira funcionalidade é o contato que mantém com os seus destinatários e entre eles. Mas o discurso, pela sua complexidade, com suas repetições, pode ser um obstáculo para o

conhecimento. Por isso, apesar das suas especificidades, a linguagem empregada deve ser acessível ao grupo ao qual se dirige.

O telejornal afirma a existência de uma comunidade e o pertencer a ela. É uma ritualização: o telejornal se caracteriza por sua característica repetitiva – as sequências se desenvolvem como um código imutável (saudações, novidades nacionais, internacionais, esportes etc.). A sequência costuma ser a seguinte: apresentação do assunto pelo apresentador, comentário introdutório do repórter em off, reportagem e eventual entrevista, conclusão do repórter e imagem.

Existem alguns dados com os quais o apresentador deve se preocupar para alcançar seu objetivo:

- a imagem (deve haver uma apresentação frontal, uma vez que a emissão da verdade deve ser feita cara a cara);
- a presença (é o elemento que garante a continuidade da notícia);
- o olhar (é o principal meio de contato);
- suas características físicas (a roupa, o físico, o relaxamento, o dinamismo, a voz – tudo como encarnação de valores positivos, para inspirar confiança).

A informação pode ser tratada de forma breve, com ou sem imagem (no primeiro caso, pode haver uma voz em off), em uma entrevista (com o apresentador) ou em uma reportagem (tratamento real da informação). O tratamento da imagem se dá através de filmagens, montagens e comentários, levando-se em conta fatores tais como a sua duração e a hierarquização da informação.

Segundo Charadeau e Ghiglione (2000), os telejornais atuais têm a tendência de propor emissões que unam os gêneros (informação, averiguações, variedades, cultura) e os conteúdos temáticos (os da vida privada com os do domínio público, os da intimidade com os da vida social), diferentemente do passado, quando se observava certa neutralidade no tom dos apresentadores, comentadores e animadores. Nos dias atuais, as emissões se tornaram mais curtas e com um ritmo de alternância mais agitado.

A leitura realizada nos telejornais geralmente é feita a partir de um texto escrito por outro (Campbell, 2004). Segundo Kyrillos (1995), ela se dá acompanhada pelo *teleprompter* e deve ser realizada pelo jornalista com toda a naturalidade, estando atento à postura, à expressão facial, às pausas e à ênfase no discurso. Não é suficiente uma produção adequada do texto escrito; é de fundamental importância que a leitura também

seja competente, com as devidas ênfases e entoações, o que resultará numa transmissão da mensagem mais efetiva e com maior credibilidade.

O apresentador do telejornal, assim como o locutor de rádio, é a ponte entre a emissora e o público; assim, "é ele que passa para o público as ideologias da direção da emissora, com o uso de recursos vocais específicos (variação melódica, ritmo, intensidade, taxa de elocução (speech rate), entre outros)" (Campos e Barbosa, 2011). Em um discurso, a fala apresenta algumas características que podem ajudar o ouvinte a interpretar o enunciado, além de indicar o que virá em seguida. Como exemplo, um tom ascendente pode indicar a continuidade do discurso.

1.4. A linguagem jornalística

De acordo com Romero Gualda (1996), a linguagem jornalística, relacionada a "jornalismo", "jornal" e "jornalista", "é a linguagem própria usada ou criada pelos jornalistas, aparecida nos jornais e em outros meios de comunicação, que contribui para que o jornalismo seja uma atividade profissional caracterizável pela sua atuação linguística diferenciada". Segundo a referida autora, a linguagem jornalística não corresponde a uma variedade marginal de uma língua; na verdade, ela possui uma consideração de "linguagem setorial", ou seja, pertence a um determinado setor da população, seja profissional ou não, que propõe a relação dessas "linguagens" com a língua comum.

Dentre as diversas variedades linguísticas que uma língua possui, não resta a menor dúvida de que a jornalística é uma das que mais influenciam o falante comum. Outras linguagens, também definidas como "linguagens setoriais", tais como a econômica, a da ciência e da técnica, a política e a da publicidade, poderiam ser entendidas em alguns aspectos dentro da jornalística, já que os conteúdos econômicos, científicos e técnicos, políticos ou publicitários, sem dúvida, encontram formas de expressão no meio jornalístico.

O uso de uma língua nos meios de comunicação não se dá só nos meios escritos (jornais e revistas), mas também no radiofônico e no audiovisual. Suas características são diferentes: "nos meios escritos, o receptor lê e a comunicação é mediata, frente ao imediatismo comunicativo produzido pelo rádio que se ouve e pela televisão que se ouve e se vê" (Romero Gualda, 1996). Isso gera problemas para aqueles que trabalham

nos diferentes meios, pois algo escrito para um jornal não pode ser “transcrito” para o rádio, onde só se conta com o ouvido para a compreensão da mensagem.

A linguagem que se emprega nos meios audiovisuais possui muitas semelhanças com a do jornalismo escrito, mas apresenta uma vantagem, posto que pode se valer de todos os recursos fônicos para dar relevo à notícia que este não apresenta: entoação, acento, intensidade etc. Por outro lado, como no rádio e na televisão não é possível voltar a ler, torna-se necessário um alto grau de clareza, ao qual devem se unir precisão e simplicidade. Essa é uma desvantagem dos meios audiovisuais frente à comunicação escrita, porém é um problema que pode ser resolvido facilmente com um bom preparo para o uso da língua.

O emprego da linguagem é o aspecto da atuação linguística que indica a capacidade que o falante tem para se servir do código com o fim de alcançar uma comunicação eficaz; e não se dirige a aspectos fundamentalmente normativos, mas atende com preferência àquilo que cria significação na linguagem. Os jornalistas podem ser chamados de “falantes de qualidade”. Tal denominação se deve à sua relação profissional com a linguagem. Todos os jornalistas, informadores de fato por qualquer meio de comunicação, difundem e propiciam usos linguísticos. Até seria possível afirmar que os jornalistas, pelo uso que fazem do idioma, poderiam ser chamados de “professores”: acabam por criar modelos que são seguidos, ainda que não de maneira consciente.

Porém, algo importante sobre esse aspecto é que não encontramos apenas profissionais atuando nos meios de comunicação; também falam neles muitas pessoas que, às vezes, não têm nada ou têm muito pouco a ver com a profissão informativa, e seus erros ou usos linguísticos acabam por serem difundidos da mesma forma – trata-se de falantes não especializados.

Em seguida, apresentam-se algumas características próprias da linguagem jornalística:

- heterogeneidade de códigos (ela conta com o linguístico e o visual, por exemplo);
- contaminações da linguagem jornalística (esta sofre influências da linguagem literária, administrativa, coloquial e política – faz-se necessário identificar se existe uma linguagem jornalística pura, sem influências desses elementos, ou se existe um amálgama de todos eles e se identifique, a partir daí, a linguagem jornalística);

- heterogeneidade de referentes (os textos jornalísticos remetem a conteúdos de natureza muita diversa – a variedade de referentes impõe campos lexicais diferentes, além de tecnicismos específicos de cada área).

Sobre os telejornais, ao considerar a questão da eficiência comunicativa (Lage, 2008, 48-49), o registro coloquial seria sempre preferível ao formal, uma vez que é mais acessível às pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para aqueles que lidam constantemente com a linguagem formal, permitiria mais rápida fruição e maior expressividade. Porém, mesmo não estando em lei, o emprego do registro formal é uma imposição de ordem política. O seu emprego é valorizado pela pressão social e qualquer desvio será qualificado de erro. Assim, a linguagem jornalística está sujeita a uma restrição fundamental ao buscar a conciliação entre esses dois interesses (o de uma eficiência comunicativa e o de uma aceitação social): "ela é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal" (Lage, 2008, 49).

Percebemos, claramente, que a linguagem jornalística é heterogênea; ela conta com signos pertencentes a códigos diferentes e sofre várias contaminações limitadoras e conformadoras. Não se observa um único registro idiomático nela (encontra-se desde o mais culto até o mais coloquial) e é um modo híbrido de construir textos (misturam-se a enunciação histórica própria da transmissão de fatos e a enunciação discursiva característica da expressão de opinião sobre esses fatos).

2. Metodologia

A fim de alcançar os objetivos do trabalho, realizamos a coleta dos dados e aplicamos uma metodologia que busca a caracterização dos pré-núcleos dos três tipos de sintagmas entonacionais com que trabalhamos previamente: finais (Pinho, 2017 a), não finais ascendentes (Pinho, 2017 b) e não finais descendentes (Pinho, 2017 c). Para a obtenção das informações relativas aos diversos aspectos metodológicos (coleta dos dados, critérios utilizados para gravar o *corpus*, caracterizar os informantes e selecionar os enunciados e os procedimentos de análise), remetemos a Pinho (2017 a). No mesmo artigo podem ser observados, ainda, os enunciados completos.

3. Análise

Apresentamos, a seguir, as características observadas nos pré-núcleos por sexo, considerando cada um dos tipos de sintagma entonacional. Em seguida, apresentamos uma síntese comparativa dos dados.

3.1. Análise dos dados masculinos

3.1.1. Sintagmas entonacionais finais

Sobre a duração, nos sintagmas chilenos, a tônica aumenta 39% (em 83% dos casos) e a pós-tônica diminui 33% (em 67% dos casos). Nos dados espanhóis, a tônica aumenta 60% (em 80% dos casos) e a pós-tônica aumenta 88% (em 60% dos casos). A duração parece instável na pós-tônica.

A média de F_0 da primeira vogal é relativamente próxima nas duas variedades: 145 Hz no Chile e 139 Hz na Espanha. Em ambos os casos, há um aumento para a vogal do primeiro acento tonal, de 27% para o apresentador do Chile (em 83% do total) e de 32% para o da Espanha (em 83% do total). A vogal tônica tende a aumentar: 32% no Chile (em 83% dos dados) e 32% na Espanha (em 100% dos dados); a vogal pós-tônica diminui 17% no Chile (em 67% dos dados); na Espanha, aumenta 11% (em 60% dos dados), ainda que a média geral de variação seja um valor negativo (-6%). Sobre a implementação fonética da F_0, identificamos um aumento na vogal tônica de ambos os apresentadores, com movimento indiferentemente ascendente ou descendente; nos dados chilenos e nos dados espanhóis, o pico pode estar na tônica e seguir um movimento descendente para a pós-tônica (comportamento predominante no Chile) ou continuar ascendente na pós-tônica, onde se localiza o pico (comportamento predominante na Espanha). Com base em tais movimentos, a atribuição tonal predominante é L+H* para o apresentador chileno e L+>H* para o apresentador espanhol, mas ambos os padrões são observados em ambos os apresentadores.

3.1.2. Sintagmas não finais ascendentes

Não há uma tendência para a duração. Nos sintagmas chilenos, há dois casos de diminuição, um de aumento e um sem variação; a pós-tônica aumenta em dois dados e diminui em dois. Nos sintagmas espanhóis, a tônica aumenta em 8 dados e diminui em 4; a pós-tônica aumenta em 10, diminui em 7 e não se altera em 1 deles.

A média de F_0 da primeira vogal é de 152 Hz no apresentador chileno e de 151 Hz no apresentador espanhol. Em ambos os casos, há um aumento para a vogal do primeiro acento tonal, de 41% para o apresentador do Chile e de 22% para o da Espanha (este apresenta um único caso de diminuição, de apenas 1%, correspondente a 8% do total). Sobre a implementação fonética da F_0, identificamos um aumento na vogal tônica do apresentador chileno em 100% dos dados (34%) e na do apresentador espanhol em 92% (22%), com movimento ascendente no primeiro deles e ascendente (39%), ascendente-descendente (28%) ou descendente (33%) no segundo. No Chile, o movimento ascendente da tônica se estende à pós-tônica, onde se localiza o pico, com movimento descendente em seguida; a atribuição tonal é L+>H* para todos os dados. Já na Espanha, observam-se 4 comportamentos diversos: (a) o mesmo do Chile (em 33%), (b) um movimento apenas ascendente (em 17%) e (c) um movimento descendente (em 50%). A atribuição tonal é L+>H* para os dois primeiros comportamentos (50%); para os casos de movimento descendente na pós-tônica, L+H* (44%) e H+L* (6%).

3.1.3. Sintagmas entonacionais não finais descendentes

A duração não é característica. Nos sintagmas chilenos, a tônica aumenta 23% em um sintagma e diminui 38% no outro e as pós-tônicas diminuem 20%, em média. Nos sintagmas espanhóis, a tônica diminui em 50% do total, com uma média de 23%, e aumenta em 50%, com uma média de 40% (a média geral de variação é de + 9%). Na pós-tônica ocorre algo parecido: diminui em 50% dos dados, com média de 42%, e aumenta em 50%, com média de 48%.

A média de F_0 da primeira vogal é de 140 Hz no apresentador chileno e de 146 Hz no apresentador espanhol. Em ambos os casos, há um aumento para a vogal do primeiro acento tonal, de 11% para o apresentador do Chile e de 33% para o da

Espanha. Sobre a implementação fonética da F_0, identificamos um aumento no apresentador chileno na vogal tônica de 7% (não apenas de média, mas em cada um dos dois dados), um dado com movimento ascendente e o outro com movimento descendente; a vogal pós-tônica, no 1º caso, continua o movimento ascendente e se torna descendente; no 2º caso, continua o movimento descendente – em média, cai 1%. No apresentador espanhol, a F_0 é ascendente na tônica e descendente na pós-tônica em 5 dados (63%); nos outros 3 (38%), o pico está na pós-tônica. A tônica espanhola aumenta 32%, em 88% dos dados; já a pós-tônica tende a não variar muito: aumenta 5% (em 38% dos dados) e diminui 9% (em 63% dos dados). Com base em tais movimentos, a atribuição tonal será L+H* e L+>H* para ambos os apresentadores, com o mesmo número de dados para o apresentador chileno e o apresentador espanhol.

3.2. Análise dos dados femininos

3.2.1. Sintagmas entonacionais finais

Sobre a duração, a tônica aumenta 53% nos sintagmas chilenos (em 60%) e 77% nos sintagmas espanhóis (em 100%). A pós-tônica diminui 41% no Chile (em 80%) e é muito variável na Espanha, com 3 casos de aumento e 3 de diminuição, mas com média geral de variação de – 7%. A duração parece instável na pós-tônica espanhola.

A média de F_0 da primeira vogal não é muito próxima entre as variedades: 179 Hz no Chile e 249 Hz na Espanha. Em ambos os casos, há um aumento para a vogal do primeiro acento tonal, de 27% para a apresentadora do Chile (em 100% do total) e de 19% para a da Espanha (também em 100% do total). Sobre a implementação fonética da F_0, identificamos um aumento em todas as vogais tônicas chilenas e espanholas; para a pós-tônica, também observamos um aumento em todos os dados chilenos, mas apenas em 4 dos 6 dados espanhóis. A tônica (chilena e espanhola) apresenta o aumento da F_0 com um movimento ascendente cujo fim se localiza na própria tônica ou se estende até a pós-tônica; de maneira geral, o pico se localiza nesta última. Com base em tais movimentos, a atribuição tonal é L+>H*, para todos os dados chilenos e para 4 dos 6 dados espanhóis.

3.2.2. Sintagmas não finais ascendentes

A duração apresenta tendências opostas na apresentadora chilena. Predominam os aumentos na tônica (em 72% dos dados, com média de 67%) e as diminuições na pós-tônica (em 71% dos dados, com média de 26%). Nos sintagmas da apresentadora espanhola, a tônica aumenta em 56% dos dados (média de 59%) e diminui em 44% (média de 28%); a média geral de variação indica um aumento de 20%. Na pós-tônica, os aumentos ocorrem em 64% dos dados, com média de 34%.

A média de F_0 da primeira vogal é de 225 Hz na apresentadora chilena e de 215 Hz na apresentadora espanhola. Em ambos os casos, há uma tendência ao aumento para a vogal do primeiro acento tonal, de 28% para a apresentadora do Chile (em 90% dos dados) e de 46% para a da Espanha (em 82% dos dados). Sobre a implementação fonética da F_0, identificamos um aumento na vogal tônica em 100% dos dados da apresentadora chilena (28%) e em 78% dos dados da apresentadora espanhola (24%). Na vogal pós-tônica, predominam os aumentos na apresentadora do Chile (em 67% dos dados, com média de 12%) e as diminuições na apresentadora da Espanha (em 73% dos dados, com média de 16%). A F_0 apresenta um movimento ascendente, cujo fim se localiza nela própria (mais observado na Espanha) ou se estende à pós-tônica, onde se localiza o pico (mais observado no Chile). Portanto, são dois padrões: L+>H* e L+H*. O primeiro predomina no Chile e o segundo, na Espanha.

3.2.3. Sintagmas não finais descendentes

A duração não é característica na pós-tônica: aumenta em 2 e diminui em 3 dados chilenos (média geral de variação de – 5%) e aumenta em 4 e diminui em 4 dados espanhóis (média geral de variação de + 32%). Porém, na tônica, é possível identificar uma tendência, ao aumento: em 100% dos dados chilenos (média de 66%) e em 75% dos dados espanhóis (média de 48%).

A média de F_0 da primeira vogal é de 212 Hz na apresentadora chilena e de 224 Hz na apresentadora espanhola. Em ambos os casos, há uma tendência ao aumento na passagem daquela para a vogal do primeiro acento tonal, de 19% para a apresentadora do Chile (em 100% dos dados) e de 22% para a da Espanha (em 75% dos dados). Sobre a implementação fonética da F_0, na vogal tônica, identificamos um aumento de 31% na

apresentadora chilena e de 13% na apresentadora espanhola, sem exceção. Na vogal pós-tônica, predominam os casos de aumento, ainda que por uma pequena diferença: são 3 aumentos em 5 dados na apresentadora do Chile e 6 aumentos em 8 dados na apresentadora da Espanha (variação média, respectivamente, de + 6% e de + 3%). A F_0 apresenta dois comportamentos nas duas variedades: começa um movimento ascendente na tônica que se estende pela pós-tônica, onde se localiza o pico e se inverte o curso (o mais comum) ou o movimento ascendente inverte o curso na própria tônica. Na variedade espanhola, observa-se um terceiro comportamento: o movimento ascendente iniciado na tônica se estende por toda a pós-tônica. As atribuições tonais são L+>H* (60% dos dados chilenos e 88% dos dados espanhóis) e L+H* (para os demais dados).

3.3. Comparação dos dados chilenos e espanhóis

Os Quadros 1, 2 e 3 apresentam, respectivamente, os resultados encontrados para os sintagmas entonacionais finais, para os não finais ascendentes e para os não finais descendentes comparando-se a origem geográfica.

	Dados chilenos	**Dados espanhóis**
Duração	tônica aumenta e pós-tônica instável no homem; na mulher, tônica aumenta e pós-tônica diminui	tônica aumenta e pós-tônica instável no homem e na mulher
F_0	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher (em 100% nesta); tônica aumenta e pós-tônica diminui no homem; na mulher, aumento na tônica e na pós-tônica, sem exceção	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher (em 100% nesta); tônica e pós-tônica aumentam no homem e na mulher (na tônica, sem exceção)
Atribuição tonal	L+H* predominante para o homem, com casos de L+>H*; para a mulher, apenas L+>H*	L+>H* predominante para homem e mulher, com casos de L+H*

Quadro 1. Comparação dos resultados nos sintagmas entonacionais finais considerando a origem geográfica

	Dados chilenos	**Dados espanhóis**
Duração	instabilidade na tônica e na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica e diminuição na pós-tônica	aumento na tônica e instabilidade na pós-tônica no homem; na mulher, instabilidade na tônica e na pós-tônica
F_0	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher (sem exceção no homem);	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher; aumento na tônica e

	aumento na tônica (sem exceção) e na pós-tônica no homem e na mulher	instabilidade na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica e diminuição na pós-tônica
Atribuição tonal	L+>H* no homem; na mulher, predomina L+>H*, mas também L+H*	predomina L+>H*, mas também L+H* e H+L* no homem; na mulher, predomina L+H*, mas também L+>H*

Quadro 2. Comparação dos resultados nos sintagmas entonacionais não finais ascendentes considerando a origem geográfica

	Dados chilenos	**Dados espanhóis**
Duração	instabilidade na tônica e diminuição na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica (sem exceção) e instabilidade na pós-tônica	instabilidade na tônica e na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica e instabilidade na pós-tônica
F_0	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher (sem exceção); aumento na tônica e instabilidade na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica (sem exceção) e na pós-tônica	aumento da F_0 inicial para a do 1º acento tonal no homem e na mulher (sem exceção no homem); aumento na tônica (sem exceção) e diminuição na pós-tônica no homem; na mulher, aumento na tônica (sem exceção) e na pós-tônica
Atribuição tonal	L+H* e L+>H* no homem, em iguais proporções; na mulher, predomina L+>H, mas também L+H*	L+H* e L+>H* no homem, na mesma quantidade; na mulher, predomina L+>H*, mas também L+H*

Quadro 3. Comparação dos resultados nos sintagmas entonacionais não finais descendentes considerando a origem geográfica

A duração tende a aumentar na tônica, apesar de alguns casos de instabilidade. Na pós-tônica, a instabilidade é a característica, sendo observada em todos os casos da Espanha. No Chile, observa-se um predomínio da diminuição nos sintagmas entonacionais finais e não finais ascendentes da mulher e nos não finais descendentes do homem.

A F_0 sempre tende a um aumento na passagem da vogal da 1ª sílaba para a do 1º acento tonal. A tônica sempre tende a um aumento de F_0; na pós-tônica, também se observa uma tendência ao aumento, mas predomina a diminuição nos sintagmas entonacionais finais do homem chileno, nos não finais ascendentes da mulher espanhola e nos não finais descendentes do homem espanhol, além de 2 casos de instabilidade (nos sintagmas entonacionais não finais ascendentes do homem espanhol e nos não finais descendentes do homem chileno). Há casos de L+H* e de L+>H*, sem uma preferência clara para uma possível caracterização.

Conclusão

Na presente análise, foi feita uma divisão dos enunciados em três tipos de sintagmas entonacionais por conta das características observadas no núcleo. Porém, de maneira geral, não há elementos opositivos no pré-núcleo, seja considerando a origem geográfica dos falantes, seu sexo ou o tipo de sintagma entonacional. Ou seja, a divisão é válida para analisar o núcleo, mas o pré-núcleo tende a apresentar as mesmas características independente de sua posição no enunciado como um todo.

Referências

AMARAL, MEINEDO, CASEIRO, TRANCOSO e NETO. Automatic VS. manual topic segmentation and indexation in broadcast news. In: *IV Jornadas en Tecnología del Habla*. Zaragoza: nov. 2005.

CAMPBELL, Nick. Getting to the heart of the matter: speech as the expression of affect rather than just text or language. In: *Language Resources & Evaluation Conference*. Lisboa: maio 2004.

CAMPOS, Luana e BARBOSA, Plínio. Radialista: análise acústica da variação entoacional durante fala profissional e fala coloquial. In: *Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1269. Acesso em 13/02/12.

CHARAUDEAU, Patrick & GHIGLIONE, Rodolphe. *A Palavra Confiscada. Um género televisivo: o talk show*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel e FREITAS, Maria João. Temporal structures of speech: "reading news on TV". In: ESCA Workshop on Phonetics and Phonology of Speaking Styles. Barcelona: set.-out. 1991.

KYRILLOS, Leny Cristina Rodrigues. A comunicação na televisão: reflexões a partir do trabalho realizado com repórteres. In: FERREIRA, L. P. et al. *Voz profissional*: o profissional da voz. Carapicuíba: Pró-Fono, 1995.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2008.

PINHO, José Ricardo Dordron de (a). A leitura em telejornais chilenos e espanhóis: análise de sintagmas entonacionais finais. In: *Traduzir-se*, V. 3, N. 4 – Disponível em http://www.site.feuc.br/traduzirse/index.php/traduzirse/issue/view/5. Acesso em 23/05/18.

_____ (b). Análise de sintagmas entonacionais não finais ascendentes em telejornais chilenos e espanhóis. –In: *Traduzir-se*, V. 3, N. 5 – Disponível em

http://www.site.feuc.br/traduzirse/index.php/traduzirse/issue/view/8. Acesso em 23/05/18.

_____ (c). Caracterização de sintagmas entonacionais não finais descendentes em telejornais chilenos e espanhóis. In: *Traduzir-se*, V. 3, N. 5. Disponível em http://www.site.feuc.br/traduzirse/index.php/traduzirse/issue/view/8. Acesso em 23/05/18.

ROMERO GUALDA, María Victoria. *El español en los medios de comunicación*. Madrid: Arco Libros, 1996.